

FH assume a recomposição da base

Durante jantar, presidente negocia até o apoio do PFL à candidatura do ministro Sérgio Motta à Prefeitura de São Paulo

Hugo Marques e Maria Lima

BRASÍLIA

A consciência de que o Governo vai enfrentar uma semana decisiva no Congresso Nacional, na batalha pela reforma da Previdência Social, Fernando Henrique Cardoso a sair pessoalmente em campo para recompor sua base de sustentação, destrocada semana passada pelos atritos entre os partidos aliados. O primeiro sinal foi dado sábado, quando ele participou de um jantar na casa do presidente do PFL, Jorge Bornhausen. A decisão do presidente foi reforçada pelo fato de o Governo não estar preparado para enfrentar, tão cedo, a briga da reforma em plenário. Ministros e líderes governistas admitem que foram surpreendidos pela renúncia do ex-presidente da comissão especial sobre a reforma da Previdência Jair Soares (PFL-RS) e a inevitável dissolução da comissão. A decisão no plenário, dizem, é "briga de cachorro grande" e as estratégias deveriam ser cuidadosamente estudadas, o que dificilmente acontecerá agora, em cima da hora. Se a polêmica quase levou à troca de sapatos na comissão especial, que estava restrita a um grupo de 30 parlamentares, no plenário o projeto resultante do acordo poderá ser inteiramente destrocado, já que ali os grupos corporativistas mostram suas posições de forma mais explícita.

— Nós não esperávamos que se configurasse essa nova situação já — admitiu o ministro da Previdência, Reinhold Stephanes. — O Governo sempre contou com a fase de trabalhos na comissão. Não prevíamos a renúncia do deputado Jair Soares. O relatório que contempla o acordo é bom mas, com a possibilidade de novos destaques em plenário, reabra tudo. As conversações para novos entendimentos se mantêm; o que não podemos permitir é a reabertura da discussão de novos pontos. Isso pode prejudicar tudo o que conseguimos. Acho que o acordo já está de bom tamanho.

Durante o jantar na casa de Bornhausen, a cúpula do PFL obteve de Fernando Henrique a promessa de que fará enterrar a tese da reeleição pelo menos até as eleições deste ano. A sessão de degustação — com pratos que iam de patola de caranguejo a perdizes e codornas — foi também uma sessão de acertos do PFL com o Governo. O PFL quer que Fernando Henrique mande desativar os movimentos pela reeleição e ceda na rediscussão do fim do limite para a entrada de capital estrangeiro na área de telecomunicações; em troca, o partido garante total apoio à reforma da Previdência e à candidatura do ministro das Comunicações, Sérgio Motta, à Prefeitura de São Paulo.

Tema foi abordado por Inocêncio

O indigesto assunto da reeleição foi apresentado pelo líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PFL-PE), que tornou explícita a irritação do partido com o movimento popular pela reeleição, lançado semana passada pelo presidente da Radiobrás, Maurílio Ferreira Lima. O presidente não só desautorizou o movimento, como acertou com os dirigentes pefelistas o lançamento de candidaturas conjuntas em várias capitais.

— Presidente, vou tocar num assunto que está trazendo desconforto ao PFL. O senhor não acha que é fora de propósito esse movimento popular pela reeleição, lançado pelo Maurílio? O senhor acha que este é o melhor momento para fazer isso? — cobrou Inocêncio.

— Eu não fui consultado sobre esse movimento, nem autorizei ninguém a defender minha reeleição. O Maurílio foi precipitado e precisa parar com

isso. Esse negócio de campanha popular é coisa do Jânio Quadros. Temos que desativar isso imediatamente. Também concordo que ele é descabido e fora de propósito neste momento — respondeu Fernando Henrique.

Após arrancar o compromisso do presidente, os pefelistas passaram a discutir as candidaturas municipais. Houve um entendimento, manifestado por Fernando Henrique, de que o lançamento de candidaturas conjuntas diminui as áreas de atrito entre os partidos aliados.

— Onde houver possibilidade de conciliação, isto me cria menos problemas. O Serjão, com o apoio dos partidos, tem grande chance de se eleger — disse Fernando Henrique.

Candidatos terão nomes retirados

Hoje, Jorge Bornhausen se reunirá, em Brasília, com Inocêncio Oliveira, Marco Maciel e o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães, para discutir a retirada do nome de João Leite e Régis de Oliveira, candidatos a candidatos do partido à Prefeitura de São Paulo. O PFL deverá apoiar Sérgio Motta, do PSDB, como foi acertado no jantar.

— Eles encheram a bola do Serjão. Achem que é o candidato com o perfil ideal: é forte, corajoso, engenheiro, empreendedor. O presidente terminou o jantar mais entusiasmado com a candidatura dele do que estava antes — contou um dos participantes do encontro.

Também foi abordado o caso de Recife, onde o PFL quer lançar o deputado Roberto Magalhães (PFL), com o apoio do PSDB, mas os tucanos preferem o deputado estadual João Braga. Fernando Henrique pretende estimular uma candidatura negociada para a capital pernambucana.

Entusiasmado com o acordo, Inocêncio Oliveira rejeitou a interpretação de que houve barganha do PFL com o presidente:

— O PFL apoiaria essas teses mesmo que não apoiasse o presidente Fernando Henrique, porque elas são boas para o país.

Os pefelistas conseguiram, ainda, convencer o presidente a

reabrir a discussão sobre o fim do limite da entrada no país de capital estrangeiro contida no projeto de regulamentação das telecomunicações. Pelo projeto, 51% desses investimentos deveriam ficar nas mãos de empresas nacionais. O PFL quer que os investidores estrangeiros possam participar sem limites no setor. Polêmica, a discussão está na área do ministro Sérgio Motta.

— Inocêncio, as teles que tinham que entrar no Brasil já não entraram? — indagou Fernando Henrique ao líder do PFL.

— Mas, presidente, nós quebramos o monopólio para ter liberdade total — respondeu Inocêncio, que considerou positivos os acertos feitos no jantar de sábado.

Reuniões de articulação para a aprovação da emenda da Previdência devem acontecer a partir de hoje. O primeiro risco para a leitura do relatório do relator Euler Ribeiro sobre a reforma da Previdência é a necessidade de levar a plenário 257 deputados justamente na semana que antecede o carnaval. Os parlamentares estão pedindo que as empresas aéreas providenciem vôos especiais principalmente para as regiões Norte, Nordeste e Sul. Nesta semana — que se limitará à leitura do parecer e à abertura de prazos para a publicação e destaques — toda a articulação terá de ser comandada pelos líderes governistas, já que Fernando Henrique Cardoso só voltará do México após o carnaval. Os ministros da área econômica, Trabalho e Previdência Social receberam a orientação de, na sua ausência, ficar de plantão para dar apoio aos líderes governistas. ■

'Presidente, o senhor não acha que é fora de propósito esse movimento popular pela sua reeleição?'

INOCÊNCIO OLIVEIRA
Líder do PFL na Câmara



FERNANDO HENRIQUE e dona Ruth são recebidos pelo casal Bornhausen: empenho pela aprovação da reforma

OPINIÃO

DEPOIS DOS TOMBOS

• COMO É costumeiro com processos dolorosos, a tramitação da reforma da Previdência Social tem sido generosa fonte de ensinamentos.

SE PARA a sociedade ficou, mais que qualquer outra, a lição da paciência, para o Governo, seus ministros e seus aliados no Congresso há um curso inteiro na ciência da negociação política e na arte de administrar vaidades (quando não é possível identificá-las em tempo útil).

MUDANÇAS NO sistema previdenciário, de verdade, poucas restaram. Talvez o suficiente para adiar a crise, tornando-a desesperadamente

urgente dentro de poucos anos. Não é resultado desprezível. E ainda houve o saldo da aproximação com a CUT e outras centrais sindicais. Há esperanças de que o ânimo negociador resista à passagem da reforma pelo plenário da Câmara e venha a ser útil em outras empreitadas legislativas.

DE FATO, toda discussão com a cúpula sindical pode ser proveitosa, desde que dispense o caminho de som.

NO FIM das contas, negociar é como andar de bicicleta: quem aprende nunca esquece. Embora ninguém aprenda sem uma respeitável coleção de tombos.